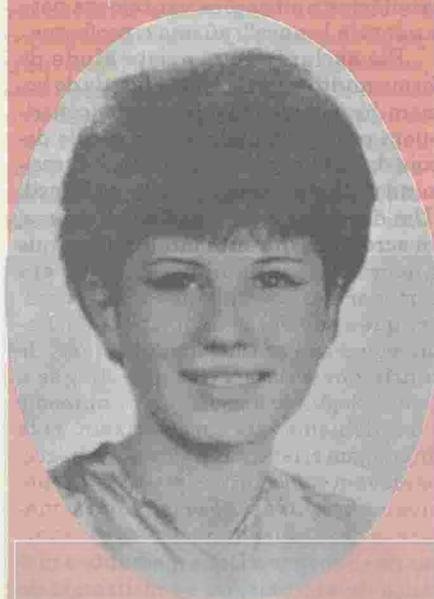


Mais um capítulo de luta



Depois de descobrir a verdade sobre a morte de Sônia Angel, pai briga agora contra a apreensão do livro em que revela a história trágica da filha

Aura Pinheiro

Após uma batalha de 18 anos para desvendar a morte de sua filha Sônia Angel (militante política morta em 1973, aos 27 anos, com dois tiros, depois de uma série de torturas e sevícias em unidades de órgãos de repressão da ditadura militar), o coronel reformado João Luiz de Moraes trava agora uma nova luta: ter o direito de contar o que conseguiu descobrir revolvendo indícios e testemunhos sobre a prisão e morte de Sônia.

João Luiz escreveu em parceria com o jornalista Aziz Ahmed o livro *O calvário de Sônia Angel — uma história de terror nos porões da ditadura*, revelando o que realmente aconteceu com sua filha. Acusado de ter participado, em 1971, na Base Aérea do Galeão, da tortura que matou Stuart Angel Jones, marido de Sônia, o brigadeiro João Paulo Burnier ingressou com uma ação de calúnia e difamação contra os autores na 8ª Vara Cível do Rio de Janeiro.

Segundo a obra, João Paulo Burnier foi o principal elaborador do Plano Parasar, que tinha como objetivo “explodir o gasômetro do Rio de Janeiro e foi quem forçou Stuart Angel a aspirar gases tóxicos expelidos pelo cano de descarga de um jipe em movimento, no pátio da Base Aérea do Galeão”.

O juiz da 8ª Vara, Gilberto Fernan-

des, expediu em junho um mandado de busca e apreensão de todos os exemplares da obra. Cerca de cem livros foram recolhidos na Gráfica MEC, no bairro do Grajaú (Zona Norte do Rio), e uma noite de autógrafos teve que ser cancelada. João Luiz de Moraes e Aziz Ahmed recorreram contra a ação e aguardam a contestação do brigadeiro Burnier para que seja marcada a primeira audiência na Justiça. Burnier exige também uma indenização em dinheiro por danos morais.

Para João Luiz de Moraes, a nova batalha é muito mais do que um processo judicial para devolver o livro proibido às livrarias.

“É uma arma de resistência ao silêncio que se quer impor agora aos crimes de uma época negra da história do Brasil”. O pai de Sônia Angel afirma que o livro apenas conta a verdadeira trajetória da vida de sua filha, militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e da Aliança Libertadora Nacional (ALN). “Mas o brigadeiro João Paulo Burnier está querendo impedir que as pessoas conheçam, através da história de Sônia, um pouco daqueles anos amargos.”

As acusações a João Paulo Burnier presentes no livro estão baseadas, segundo o autor, em depoimentos e citações do brigadeiro Eduardo Gomes e do ex-militante político e escritor Alex Polari. João Luiz lembra também que as

Foto: Jorge Nunes



Cléa e João Luiz lutaram durante 18 anos para identificar o corpo da filha

Durante a visita ao apartamento de sua filha, João Luiz foi esbofeteado por um agente de segurança e ameaçado de ser jogado do terceiro andar do prédio



Sônia foi morta com dois tiros após ser torturada por membros da repressão

acusações contra o brigadeiro já são de domínio público.

Em *O calvário de Sônia Angel*, João Luiz de Moraes narra ao jornalista Aziz Ahmed como passou quase duas décadas à procura do corpo da filha. Sônia foi detida num ônibus em novembro de 1973 em São Vicente (SP), quando viajava para Santos. Transferida para o Rio de Janeiro, foi torturada e estuprada no Destacamento de Operações de Informações-Centro de Defesa Interna (DOI-Codi) do Rio e posteriormente levada de volta a São Paulo, onde foi submetida a novas sevícias e morta com dois tiros, aos 27 anos de idade. O autor dos disparos, segundo o livro, teria sido o major Carlos Alberto Brilhante Ustra, que comandou a Operação Bandeirantes (Oban) nos porões do DOI-Codi de São Paulo entre 1970 e 1973.

Na visita ao apartamento em que Sônia morava em São Vicente, João Luiz de Moraes levou uma bofetada de um agente da repressão por ter se recusado a entregar a carteira de identidade. O coronel também foi ameaçado de ser jogado do terceiro andar do prédio onde Sônia vivia clandestinamente. A mãe, a professora Cléa Lopes Moraes, somente conseguiu retirar do imóvel duas únicas lembranças da filha: um par de óculos e um carretel de linha com uma agulha entrelaçada.

Enquanto conta alguns detalhes da história, João Luiz de Moraes caminha até a sala de sua casa para mostrar, em um quadro com auto-retrato da filha, "a expressividade dos olhos de quem sempre apoiou os caminhos da militância".

E o coronel João Luiz vê na sua per-

sonalidade "muito liberal" uma forma de tentar explicar o fato de jamais ter aconselhado Sônia a desistir das atividades políticas. Naqueles tempos, conta ele, era difícil ter uma noção clara das conseqüências da participação de movimentos políticos. "Foi uma surpresa para mim quando minha filha foi presa pela primeira vez, em 1969, enquanto organizava material de panfletagem no Dia do Trabalho, na Praça Tiradentes, no Centro do Rio."

Ele diz que levou também cinco anos acreditando na versão oficial de que sua filha havia sido baleada em confronto com a Polícia em São Paulo, junto com o militante Antonio Carlos Bicalho Lana. Segundo ele, foi divulgado na época que ambos morreram no caminho para um hospital, em dezembro

de 1973. Mas em 1978, ao ler o nome de Sônia em uma lista de brasileiros mortos vítimas de torturas elaborada pela Anistia Internacional e publicada por um jornal do Rio de Janeiro, João Luiz diz que foi como se a filha tivesse morrido pela segunda vez.

"A partir daí resolvi iniciar uma investigação árdua sobre as verdadeiras circunstâncias da morte de Sônia até descobrir que ela tinha sido torturada, violentada e morta com dois tiros a mando dos órgãos da ditadura militar", afirma. Somente em 8 de julho de 1991, uma equipe de legistas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) comprovou que a ossada encontrada no cemitério de Perus, em São Paulo, era mesmo de Sônia Maria de Moraes Angel Jones.

"Antes de saber que minha filha havia sido torturada, achava que ela tinha tido uma morte gloriosa, por ter lutado até o fim pelos seus ideais." Depois da descoberta de tortura, João Luiz diz que se fixou em uma meta: chamar a atenção das pessoas para as marcas deixadas pela ditadura militar e tornar pública a história de Sônia Angel.

O gosto pela militância de Sônia Angel teria sido herdado do pai? João Luiz garante que não. "Ela sempre foi muito mais corajosa e determinada do que eu. Fui integralista aos 12 anos e, assim como minha filha, apoiei o golpe militar. Mas a minha desilusão política foi precoce. A partir do ato que prorrogou o mandato de Castelo Branco, eu me desiludi com a política. A Sônia, ao contrário, lutou por dias melhores até morrer." (Colaborou Marcelo Monteiro)



O brig. Burnier, acusado pela morte de Stuart Angel, exige indenização por danos morais